



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

**UMA LEITURA BUBERIANA DA CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM MAX
STIRNER E SOREN KIERKEGAARD**

**CAMPINA GRANDE
2017**

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

**UMA LEITURA BUBERIANA DA CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM MAX
STIRNER E SOREN KIERKEGAARD**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico - apresentado à Coordenação do Curso de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton
Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696I Rodrigues, Jose Jorge Santos.
Uma leitura buberiana da concepção de sujeito em Max
Stirner e Soren Kierkegaard [manuscrito] : / Jose Jorge Santos
Rodrigues. - 2017.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Egocentrismo. 2. Diálogos. 3. Filosofia buberiana.


21. ed. CDD 100

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

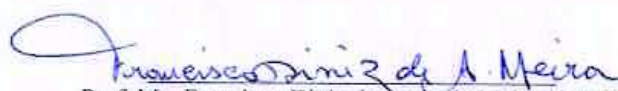
**Uma leitura buberiana da concepção de sujeito em Max Stirner e
Soren Kierkegaard**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 24/11/2017.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da vida, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis, que sempre nos enriquece com seus dons, acompanhando-nos e protegendo-nos com seu amor infinito.

À minha querida família, aos meus pais José Rodrigues Filho (in memoriam) e Antônia dos Santos Rodrigues, que com muito amor e dedicação me educaram para a vida.

Aos meus colegas de curso, aos professores. De maneira especial, ao prof. Dr. José Nilton Conserva – meu orientador-, o qual tem sido mais que um professor, tem se revelado um amigo e companheiro no meu caminhar pelas trilhas do saber filosófico.

Aos meus amigos, todos aqueles que verdadeiramente sentem por mim amizade e desejam o meu crescimento humano e espiritual. Todos aqueles que se encontram próximos ou distantes, fisicamente. Os novos e os antigos, os de ontem e os de hoje, os meus sinceros agradecimentos.

O EU e o TU não estão simplesmente na relação, mas também na firme integridade. Aqui, e somente aqui, há realmente o contemplar e o ser-contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado. (MARTIN BUBER, 1923)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	SUJEITO, DIÁLOGO E ALTERIDADE.....	8
2.1	A CONCEPÇÃO STIRNERIANA DE SUJEITO.....	11
2.2	A CONCEPÇÃO KIERKEGAARDIANA DE SUJEITO.....	15
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	22

UMA LETURA BUBERIANA DA CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM MAX STIRNER E SOREN KIERKEGAARD

José Jorge Santos Rodrigues¹

RESUMO

A filosofia buberiana propõe o diálogo como caminho para a superação da condição egoísta que marca o pensamento e as éticas ocidentais. Nossa pesquisa contemplará, portanto, sua concepção de sujeito diretamente associada às noções de presença, diálogo, responsabilidade e reciprocidade. Assim, seu pensamento desenvolve uma reflexão na qual o sujeito é concebido no âmbito das relações intersubjetivas humanas, pois será o fundamento da ética da alteridade. Abordará também uma leitura buberiana das concepções de sujeito em Max Stirner e Soeren Kierkegaard, desenvolvida no livro intitulado *Do diálogo e do dialógico*. Assim, o artigo contemplará um cotejamento das concepções de sujeito de Max Stirner e Soeren Kierkegaard, mas analisados pelo filtro das categorias dialógicas do pensamento buberiano, resultando numa crítica do que o nosso autor chama de pensamento monológico-solipsista.

PALAVRAS-CHAVE: Egocentrismo. Diálogo. Responsabilidade.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho de pesquisa quer ser uma investigação acerca da compreensão de sujeito presente no pensamento de Martin Buber, a partir de uma leitura que ele faz das concepções de sujeito de Max Stirner e Soren Kierkegaard. Ao constatar uma tendência ao individualismo presente no pensamento ocidental, Buber procura dar uma nova orientação aos relacionamentos inter-humanos, direcionando-os para uma ética da alteridade. Buber fala-nos na possibilidade do acontecimento do encontro pautado na presença, no diálogo, na responsabilidade e na reciprocidade.

Em sua obra *Eu e Tu* (1923), Buber defende a ideia de que é por meio das relações que o ser humano se realiza. A proposta buberiana da filosofia do diálogo e das relações intersubjetivas se concretiza como o início de um pensamento vivo, em que as diferenças ou mistérios do encontro intersubjetivo não se configuram como uma ameaça, um escândalo para a liberdade do sujeito, mas condição de diálogo e de procura que se realizam conjuntamente. A orientação do Eu para o Tu, não é vista como algo acidental, mas como algo essencial, inevitável, uma vez que, sem ela seria impossível

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

compreender a existência humana. Segundo Buber, nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encerrados nela.

Nossa pesquisa apresenta a crítica buberiana às concepções de sujeito presentes na obra de Max Stirner e Soeren Kierkegaard. Na sua obra *Do diálogo e do dialógico*, quando se refere *A questão que se coloca ao indivíduo*(1936), Buber apresenta as concepções de sujeito em ambos, para posteriormente, contrapô-las com sua própria concepção, caracterizando os *elementos do inter-humano*. Com a apresentação de um pensamento monológico/solipsista, Stirner procurou fundamentar seu pensamento num individualismo egoísta. Apresentando sua categoria-limite “Único”, despreza as relações com o mundo e com os outros, ao afirmar, por exemplo: “para mim, ninguém é pessoa a respeitar, nem mesmo o meu semelhante, é apenas, como outros seres, um objeto pelo qual tenho, ou não, simpatia, um objeto mais ou menos interessante, um sujeito mais ou menos utilizável”. Buber também não concorda com a concepção kierkegaardiana de sujeito, pois, Kierkegaard, ao apresentar sua categoria-limite “Indivíduo”, defende uma relação exclusiva com Deus, ao passo que despreza toda relação autêntica com o mundo e com a humanidade. Buber, por sua vez, acredita que uma relação acósmica com Deus não conduzirá o ser humano à sua real finalidade, que por excelência, *é um ser de relações*.

Para desenvolver nossa pesquisa, além da leitura de alguns artigos filosóficos e monografias, que tratam do assunto em questão, utilizamos como referência o texto buberiano *Eu e Tu* (1923), o qual nos ajudou a entender o princípio dialógico. Como obra principal, para a compreensão de sujeito de Buber, tomamos o texto *Do diálogo e do dialógico*, explorando, sobretudo, *A questão que se coloca ao indivíduo* (1936). Recorremos também aos livros *O único e a sua propriedade* (1844) de Max Stirner e *Temor e tremor* de Soeren Kierkegaard.

SUJEITO, DIÁLOGO E ALTERIDADE

Com o presente estudo pretendemos conhecer o pensamento filosófico de Martin Buber², sobretudo no que diz respeito à *natureza das relações intersubjetivas*.

² Martin Buber - Filósofo judeu nascido no dia 8 de fevereiro de 1878 em Viena, Áustria. Por motivo de separação de seus pais, viveu com seus avós em Lemberg, na Galícia (Polônia). Conheceu a cultura judaica e teve contato com o hebraico. Em 1896 ingressou na Universidade de Viena para cursar Filosofia e História da Arte. Em 1938 torna-se professor de Sociologia em Jerusalém, Israel, onde leciona até 1951. Fortemente marcado pelos pensadores existencialistas, desenvolveu intensa atividade

Objetivamos fazer uma análise de suas principais obras, de modo especial à dimensão filosófica, já que Buber também aborda vários outros aspectos do conhecimento, como por exemplo, a Antropologia, a Teologia (mística), e a Psicologia. Gostaríamos de salientar que faremos uma abordagem filosófica de sua concepção de sujeito, enfocando as relações que esse realiza com o outro e com o mundo.

Ao constatar uma tendência ao individualismo no pensamento ocidental, Buber tenta desenterrar na tradição filosófica aquilo que ele chama de um tesouro escondido. Este tesouro tem a ver com um novo modo de pensar filosófico, ou seja, tem a ver com as relações inter-humanas, as quais se fundamentam na *alteridade*³. Observamos, desta forma, que a proposta buberiana da filosofia do diálogo e das relações intersubjetivas se caracteriza como o início de um pensamento vivo, no qual as diferenças ou os mistérios do encontro não se apresentam como uma ameaça ou um escândalo para a liberdade do sujeito, mas como condição do diálogo e da procura que se realizam conjuntamente. O encontro com o outro permite a realização da responsabilidade, da reciprocidade e da alteridade: “que ninguém tente debilitar o sentido da relação”. (BUBER, 1977, p.9) Assim, a concepção de sujeito em Buber está intrinsecamente ligada ao acontecimento da relação, ou seja, à dimensão do encontro:

O pensamento de Buber norteia-se pela situação relacional do homem, em termos de um engajamento da totalidade de sua existência, em relações que, quando plenamente operativas, o revelam não apenas como simples agente que emprega, explora ou experimenta, mas como existência pessoal em todas as suas dimensões. (GILES, 1989, p.177)

Constata-se que existe na concepção do acontecimento da relação uma valorização do outro ser humano e do mundo em todas as suas dimensões. Buber mostra-nos que essa relação não exerce somente um papel secundário na formação do

filosófica sobre os mais variados temas da “mística” judaica. Do seu pensamento filosófico-religioso, dois temas são predominantes: o primeiro é o da fé e suas formas, devendo ser distinguidas a fé como confiança em alguém e a fé como reconhecimento da verdade de algo; o segundo diz respeito aos vários tipos de relação entre os homens entre si e entre os homens e as coisas: a relação sujeito-sujeito constitui o mundo do “Tu”, ao passo que a relação sujeito-objeto constitui o mundo do “Ele”; o mundo do “Tu” é uma relação “Eu-Tu”. Esse importante pesquisador da contemporaneidade veio a falecer em Jerusalém a 13 de junho de 1965. Algumas obras mais importantes de Buber: *Eu e Tu* (1923), *Do diálogo e do dialógico* (1936), *O que é o homem* (1942), *Imagens do bem e do mal* (1952), *O homem e sua estrutura* (1955). (JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D, 2006, p.35).

³Alteridade: “caráter do que é outro e se opõe ao mesmo: ‘Outro se diz dos seres que possuem pluralidade de espécie, de matéria ou de definição de sua substância: o Outro apresenta significações opostas às do Mesmo’ (Aristóteles). Do ponto de vista lógico, negação estrita da identidade e afirmação da diferença”. (JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. 2006, p.7).

sujeito, ao contrário, é a junção das verdadeiras relações que edifica o ser humano em sua totalidade.

Pode-se dizer que a principal intuição de Buber foi exatamente explorar o sentido do conceito de relação para significar aquilo que, de essencial, acontece entre seres humanos e entre o homem e Deus. A partir da perspectiva buberiana podemos melhor compreender o sujeito e a natureza de suas relações intersubjetivas na contemporaneidade.

Na obra *Do diálogo e do dialógico*, intitulado *A questão que se coloca ao indivíduo*, escrito em 1936, Buber apresenta-nos, primeiramente, a concepção de sujeito de Max Stirner⁴ e de Soeren Kierkegaard⁵, para posteriormente contrapô-las com sua própria concepção. Percebemos que ao apresentar sua concepção de sujeito, ele diverge em numerosos aspectos do pensamento de Stirner e de Kierkegaard:

Simplesmente desconhece aquilo que, de realidade elementar, acontece entre um ser e outro ser; ele desconhece então também os mistérios da apóstrofe e da resposta, da reivindicação e da negação, da palavra e da réplica; isto nunca foi por ele experienciado, porque o homem só pode experienciá-lo quando não se fecha à alteridade, à primitiva e ôntica alteridade do outro [...]. O que Stirner, com sua força destrutiva, ataca com sucesso é o substituto de uma realidade em que não se acredita mais; é a responsabilidade fictícia face a uma razão, a uma ideia, a uma natureza. (BUBER, 2007, p.85).

⁴ Max Stirner - (1806-1856) Nome pelo qual é mais conhecido o pensador alemão Johann Kaspar Schmidt, que estudou filosofia e teologia em Berlim, tendo frequentado os cursos de Hegel e vindo a fazer parte depois dos chamados “hegelianos de esquerda”. Sua filosofia se desenvolve a partir do conceito de único (*der Einzige*), tomado em um sentido absoluto, como uma forma de individualismo radical, que é, para ele, fundamento de toda liberdade. Seu pensamento, considerado um individualismo anarquista foi severamente criticado por Marx e Engels em *A ideologia alemã*; sofre também as críticas de Buber, quando em *Do diálogo e do dialógico*, Buber ataca sua categoria-limite “O único”. Obras principais: *O único e a sua propriedade* (1844) e *A história da reação* (1852). (JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D, 2006,p259).

⁵Soeren Kierkegaard - (1813-1855) Pensador precursor do existencialismo contemporâneo. Nasceu em Copenhague, Dinamarca, onde estudou filosofia e teologia. Profundamente marcado por angústias pessoais e familiares [...]. Kierkegaard desenvolveu um pensamento indissociável de sua vida pessoal e de seus sentimentos trágicos. Atacou o cristianismo e especialmente o luteranismo de sua pátria, valorizando contra a religião estabelecida a vivência da religiosidade. Combateu o hegelianismo e a metafísica especulativa, por seu caráter abstrato e sua busca do universal, defendendo a necessidade de uma “filosofia existencial”. Seu estilo é irônico e polêmico, porém também poético [...]. Para Kierkegaard, o homem é um ser que se caracteriza pelo desespero que se origina das contradições de sua existência e de sua distância de Deus [...]. É significativa a influência de Kierkegaard no existencialismo contemporâneo, sobretudo em Heidegger, bem como na renovação da teologia, principalmente protestante, que se dá no séc. XX com Karl Barth e a “teologia dialética” ou “teologia da crise”. Obras principais: *Ou...ou* (1843), *Temor e Tremor* (1843), *O conceito de angústia* (1844), e o *Diário*, escrito ao longo de vários anos.(JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D,2006, p.159-160).

Ao mencionar a pouca importância que Stirner e Kierkegaard atribuem aos relacionamentos inter-humanos, Buber procura, pautando-se numa filosofia da alteridade, refutar os argumentos de tais concepções reducionistas e apresentar sua concepção de sujeito fazendo uso da “negação da negação”, ou seja, o pensador quer afirmar o que eles negam e negar o que eles afirmam. Stirner afirma: “Eu sou minha causa [...], eu que sou o meu tudo, eu que sou o único” (STIRNER, 2009, p.11); Buber constata aqui, por exemplo, que Stirner não deixa qualquer espaço para a importância das relações para a formação do ser humano. De forma semelhante também se apresenta Kierkegaard com a sua aprovação de uma relação exclusiva com Deus. Kierkegaard não permite assim, segundo Buber, nenhuma abertura para as relações com o outro ser humano e com o mundo. Em contrapartida afirma que “somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura [...] presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós”. (BUBER, 1977, p.14). Propõe-se, pois, para o ser humano que deseja sair de sua própria condição egoísta, o diálogo no acontecimento do encontro.

Diante do exposto, podemos dizer que o ser humano é tratado por distintas denominações ou categorias. Buber fala-nos do sujeito no princípio dialógico, ou seja, da relação do “Eu-Tu”. Stirner apresenta-nos sua categoria-limite “O Único”, na qual a relação entre o sujeito e o outro não é essencial. Kierkegaard, por sua vez, mostra-nos a sua categoria-limite “O Indivíduo”; esse consegue uma relação autêntica apenas com Deus. Sobre as categorias-limite de Stirner e Kierkegaard, Buber ressalta que “o Indivíduo de Kierkegaard tem em comum com o Único de Stirner, seu oponente, que os dois são categorias-limite; não tem nada mais em comum com ele e nem nada menos”.(BUBER, 2007, p.81). Por isso, com o objetivo de um maior entendimento da concepção de cada pensador, e as razões pelas quais ele irá divergir desses pensadores, acompanhemos a apresentação feita por Buber da concepção de sujeito em Max Stirner.

A CONCEPÇÃO STIRNERIANA DE SUJEITO

Ao apresentar a concepção de sujeito de Max Stirner, Buber mostra-se disposto a questionar suas ideias e categorias. Desta forma, não acredita que o ser humano seja apenas um ser fadado ao individualismo e ao menosprezo das relações com o mundo e com os outros. O pensador confronta-se com a posição filosófica de Stirner para

fornecer-nos uma consciência exata daquilo que o sujeito não é. Por isso, para compreendermos a verdadeira proposta buberiana da filosofia do diálogo, faz-se necessária uma introdução ao pensamento stirneriano.

Stirner fundamenta seu pensamento na categoria-limite “O Único”, e alega: “minha causa não é nem o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre etc, mas exclusivamente o que é meu. E esta não é a causa universal, mas sim... única, tal como eu. Para mim, nada está acima de mim!”. (STIRNER, 2009, p.12). Aqui não se percebe importância alguma das relações com o outro e nem com o mundo; fala-se de um Eu isolado e sem compromisso e/ou responsabilidade com a realidade circundante, ou mesmo com Deus; percebe-se uma valorização exagerada do individualismo e de sua propriedade:

Desaparece a questão de uma relação essencial entre ele e os outros. Ele só tem relação essencial consigo mesmo [...]. Isto quer dizer: ele possui somente aquela estranha relação consigo mesmo à qual não faltam certas possibilidades mágicas, pois toda a existência que não seja a sua torna-se uma caça aos espíritos, semidependentes, e semi-livres; mas o genuíno poder de se relacionar é para o Único tão-ausente que é preferível continuarmos chamando de relação somente aquela na qual se pode dizer não apenas Eu, mas também Tu. (BUBER, 2007, p.80-81)

Buber, deixa-nos claro que no pensamento stirneriano desaparece a questão de uma relação essencial entre o sujeito e os outros. Há, apenas, uma relação verdadeira para consigo mesmo, descrita por Buber como *egoísmo-individual*⁶. Entendemos desta forma que o Único de Stirner manifesta uma peculiaridade: elimina todas as possibilidades de relações, seja do sujeito com o mundo e seus objetos, no qual este se encontra, seja deste com os outros seres humanos. Percebemos com isso, que há por parte do sujeito, uma desvinculação do mundo e uma total desvalorização das relações inter-humanas. O que para Stirner se configura como um meio de realização é o Eu exclusivo, ele é a categoria sustentáculo do mundo: “[...] para mim, ninguém é pessoa a respeitar, nem mesmo o meu semelhante, é apenas, como outros seres, um *objeto* pelo

⁶ Egoísmo Individual: podemos compreender essa expressão buberiana num sentido de forte crítica ao pensamento stirneriano, uma vez que, “egoísmo no sentido moral, designa amor exclusivo de si, ou seja, atitude de quem age tendo em vista apenas a satisfação de seus interesses pessoais: ‘o egoísmo é a amor de si que consiste numa benevolência excessiva para consigo mesmo (filautria) ou a satisfação de si (arrogância)’ (Kant).” (JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D, 2006, p. 82) No entanto, Buber, ao parecer redundante em sua expressão – *egoísmo individual* – propositadamente deseja reforçar o caráter de inacessibilidade que Stirner apresenta com seu pensamento filosófico, no sentido de castrar as possibilidades das relações. Por consequência, para Buber, inexistente aqui a possibilidade de realização.

qual tenho, ou não, simpatia, um objeto mais ou menos interessante, um sujeito mais ou menos utilizável”. (STIRNER, 2009, p.402). No entanto, para Buber, como meios de realização do ser humano, existem as relações intersubjetivas, as verdadeiras relações que são pautadas na responsabilidade e na verdade:

Começa onde o individualismo cessa de ser frívolo. É verdade que também se preocupa com uma ‘formação da personalidade livre’, mas no sentido de um retirar-se do mundo do ‘homem que só pertence a si-próprio’: ele preocupa-se com o rompimento de seus vínculos e seus compromissos existenciais, com sua libertação de toda alteridade ôntica das coisas e dos seres, que só podem servir de ‘alimento’ ao seu ser próprio.(BUBER, 2007, p. 84).

Percebe-se que há uma preocupação com os problemas reais que envolvem o sujeito, tais como a *responsabilidade e a verdade*; esses conceitos norteiam o sujeito na sua realização como pessoa. Buber procura contradizer Stirner, quando percebe a tentativa de destruição ou dissolução desses “pilares” que sustentam a integralidade do sujeito no mundo:

Para Stirner, ambas têm que ser, necessariamente, questões falsas. Mas é importante constatar que, crendo destruir os dois conceitos fundamentais, Stirner destruiu somente sua forma rotineira, preparando assim, contrariamente a qualquer intenção sua, a purificação e renovação de ambos. (BUBER, 2007, p.84)

Buber questiona de várias maneiras possíveis a tentativa stirneriana da dissolução dos conceitos de verdade e de responsabilidade. O pensador procura esclarecer que Stirner desconhece a responsabilidade, porque ele nunca experimentara a importância da relação, mas, se fechara à experiência da alteridade. Com isso, não estaria apto a discorrer com propriedade sobre esses conceitos fundamentais. Stirner ataca com veemência as maneiras mais contundentes do sujeito buscar a realização por meio dos relacionamentos. A relação exige certo grau de responsabilidade para com o outro e com o mundo, e isso se constitui como inadmissível na filosofia de um Egoísta. Responsabilidade e Egoísmo não podem coabitar a mesma casa:

A responsabilidade pressupõe alguém que se dirige a mim de uma forma primária, isto é, de um âmbito independente de mim mesmo, e a quem eu devo prestar contas. Ela se dirige a mim a respeito de algo que me confiou e de cuja tutela estou incumbido. Ele se dirige a mim no âmago de sua confiança e eu respondo na minha lealdade ou

recuso-me a responder na minha deslealdade ou então, tendo caído na deslealdade, me liberto a força pela lealdade da resposta. Eis a realidade da responsabilidade: prestar contas daquilo que nos foi confiado, diante daquele que no-lo confiou. (BUBER, 2007, p.84-85)

Depois de deixar clara sua ideia de responsabilidade, Buber apresenta também o conceito fundamental de *verdade*, seguindo a mesma metodologia: inicialmente apresenta aquilo que Stirner compreende como verdade, para posteriormente apresentar sua concepção. E por conceito de verdade, Stirner entende que “Verdade... só existe em tua cabeça. [...] Pois a verdade é uma criatura. [...] Para mim não existe verdade, pois nada me supera! [...] Enquanto tu crês na verdade, não crês em ti [...] Tu sozinho és a verdade”. (STIRNER, 2009, p. 455-456). Stirner, apoiando sua ideia de verdade no seu individualismo, recusa, ou até ignora todo um conhecimento elaborado pela tradição filosófica, o qual podemos denominar de aspecto epistemológico⁷. Stirner, na realidade, se apega demasiadamente a uma teoria solipsista, que o leva a um egoísmo e a um individualismo profundos. Para Buber, existe uma verdade que é superior a verdade do sujeito na sua propriedade, mas só compreendemos esta verdade e o significado que ela possui numa *verdadeira* relação com o Ente (Deus):

Tu não podes deglutir a verdade, ela não é cozida em nenhuma panela do mundo, tu nem podes fitá-la boquiaberto, pois ela não é um objeto. E, contudo, existe uma participação no Ser da verdade inacessível – para o homem que passa pela prova. Existe uma relação real entre a totalidade da pessoa humana e a verdade não possuída, não possuível, e esta relação se completa somente no ato de passar pela prova. Esta relação real, qualquer que seja o nome que lhe é dado, é a relação com o Ente. (BUBER, 2007, p.87).

Ao discorrer, ainda, sobre o pensamento stirneriano e suas implicações, Buber fala-nos de um terceiro e último assunto, que ele considera de suma importância para a compreensão de tal pensamento: a questão da obediência. “Obedecer” se constitui,

⁷Aspecto epistemológico: é sempre muito arriscado discorrer sobre *verdade* no contexto filosófico, devido à multiplicidade de opiniões que encontramos sobre o mesmo tema. Não objetivamos definir ou sistematizar esse conceito. Desejamos apenas esclarecer que durante nossa pesquisa descobrimos que existe não apenas um modo simples de se compreender o que se denomina *verdade*. Mas, existem diversas maneiras pelas quais podemos abordar esse conceito – que Buber descreve como *conceito fundamental*. E o aspecto epistemológico é compreendido como sendo os rumos que o termo *verdade* foi tomando ao longo da tradição filosófica, ou seja, sua construção, daí, seu sentido e alcance no pensamento ocidental, perpassando os “sistemas” filosóficos de muitos pensadores conhecidos, como a exemplo de Platão, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Kant, entre outros. Conforme Abbagnano: “é possível distinguir cinco conceitos fundamentais de verdade: 1º a verdade como correspondência; 2º a verdade como revelação; 3º a verdade como conformidade a uma regra; 4º a verdade como coerência; 5º a verdade como utilidade.” ABBAGNANO, 2003, p. 944).

segundo Buber, como algo terminantemente proibido ao “Único” de Stirner. Pois seu pensamento trilhando os caminhos do egoísmo, ignorará qualquer importância à relação; repudiará os laços que o possam prender a algo. Para Stirner o obedecer se constitui como uma forma de humilhação que reduz o valor e a importância do sujeito. Por isso, posicionando-se contra a obediência, afirma:

Já não me humilho perante nenhum poder e reconheço que todos os poderes se reduzem ao meu, que tenho de subjugar logo que eles ameacem tornar-se um poder contra mim ou acima de mim; cada um desses poderes será apenas um dos meios que me permitem afirmar-me. [...] Todos os poderes que me dominam serão, assim, rebaixados à condição de me servir. [...] Os poderes superiores só existem se eu os elevar e me rebaixar a mim. (STIRNER, 2009, 411-412)

Buber ao tratar este “obedecer”, diz que, “[...] em todo caso, isso é proibido ao Único de Stirner pelo seu autor em qualquer circunstância; sim, é fácil verificar que por trás de todas as proibições de Stirner ao seu Único esta se apresenta como a proibição real, abrangente e decisiva [...] não obedecer mais a nenhum senhor usurpador, eis a exigência de Stirner”. (BUBER, 2007, p.88-89). O individualismo radical leva o ser humano a se afastar de sua verdadeira vocação e realização no palco do mundo.

Buber destaca apenas as questões que considera importantes, sobretudo, no que diz respeito ao sujeito e suas relações intersubjetivas. De forma interessante, ele apresenta o pensamento stirneriano, apontando com clareza aquilo que para ele tornou-se o principal objeto de sua pesquisa: o próprio sujeito. Porém, Buber não se limita à análise da concepção de sujeito stirneriano; como já apresentamos, um segundo pensador que Buber destaca em suas análises é Soeren Kierkegaard.

A CONCEPÇÃO KIERKEGAARDIANA DE SUJEITO

Soeren Kierkegaard é considerado, por muitos, como o pai do existencialismo,⁸ pois exerceu grande influência na formação do pensamento existencialista contemporâneo. Isso se deve ao modo como ele empreendeu o tratamento ao ser

⁸Existencialismo: filosofia contemporânea segundo a qual, no homem, a existência, que se identifica com sua liberdade, precede a essência; por isso desde o nosso nascimento, somos lançados e abandonados no mundo, sem apoio e sem referência a valores; somos nós que devemos criar nossos valores através de nossa própria liberdade e sob nossa própria responsabilidade. Assim a filosofia existencialista é centrada sobre a existência e sobre o homem. Ela privilegia a oposição entre a existência e a essência. Podemos, ainda, afirmar que o cerne do existencialismo é a liberdade, pois cada indivíduo é definido por aquilo que faz. (JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D, 2006, p. 99)

humano e suas relações, ou seja, a sua concepção de sujeito. A concepção de sujeito de Kierkegaard deve ser estudada e compreendida à luz da sua categoria-limite: “Indivíduo”. Conforme Buber, “para Kierkegaard, o Indivíduo é a categoria pela qual, do ponto de vista religioso, devem passar o tempo, a história e a geração” (BUBER, 2007, p. 81-82). Por sua vez, a respeito da categoria-limite de Kierkegaard, nos diz Buber que não se pode compreender seu ‘Indivíduo’ sem compreender sua solidão. Desse modo, devemos entender o pensamento kierkegaardiano partindo do conhecimento de sua própria condição existencial, ou seja, de seu estado de renúncias e de isolamento, que posteriormente o levará a uma profunda solidão. A respeito da solidão do Indivíduo, observemos o que afirma Kierkegaard:

É belo e benéfico ser o Indivíduo que traduz no geral e que, por assim dizer, dá de si próprio uma edição apurada, elegante, o mais possível correta, compreensível a todos; quanto é reconfortante tornar-se compreensível a si próprio no geral. [...] Quanto é belo ter nascido como Indivíduo que tem no geral a sua pátria, a sua acolhedora casa. [...] Mas, ao mesmo tempo, acima desse domínio serpenteia um caminho solitário, estreito e escarpado; quanto é terrível ter nascido isolado, fora do geral, caminhar sem encontrar um único companheiro de viagem. (KIERKEGAARD, 1974, p. 297).

Buber, ainda nos lembra que “o acontecimento central da vida de Kierkegaard, porém, e, o núcleo da cristalização de seu pensamento foi sua renúncia a Regina Olsen, ou seja, uma renúncia à mulher e ao mundo”. (BUBER, 2007, p. 79-80). Com isso, ele quer nos advertir no que diz respeito às conseqüências da solidão kierkegaardiana: ela implicou a construção de um pensamento que despreza os outros seres humanos e o mundo, ao passo que valoriza somente uma relação exclusiva com Deus.

Observamos no pensamento kierkegaardiano que, quando se trata do sujeito e suas relações, não há uma relação essencial com os outros seres humanos e com o mundo que o circunda. A relação essencial é a relação com Deus. Predominantemente quem terá valor no seu pensamento será o Indivíduo, ou seja, o Singular, que independentemente das relações com outrem, pode descobrir-se a si-mesmo e tornar-se o eixo movedor do mundo. Assim afirma Nogare:

O singular, porém, que interessa a Kierkegaard, é o singular-homem. Porque somente o homem é verdadeiramente singular. Somente o homem singular vale mais que a espécie, ao contrário do que acontece entre os animais, onde o indivíduo vale sempre menos que a espécie. Somente o singular humano tem consciência de sua singularidade.

Kierkegaard sentiu tão profundamente a importância do singular, que estimou sua missão de pensador valorizar o singular contra o geral e o abstrato. (NOGARE, 1994, p. 120).

Devemos perceber que essa supervalorização do singular, ou do Indivíduo apresentada por Kierkegaard, se constituirá para Buber como ponto de partida de uma crítica ao modo como devem se proceder as verdadeiras relações. Segundo Buber, é contraditório amar e se relacionar com o Criador, se se despreza totalmente a Criação, da qual ele mesmo participa. As criaturas não se revelam como impedimento ou barreira no encontro com Deus. Na verdade, as criaturas se revelam como um caminho para o encontro autêntico com Deus. E difundir uma relação acósmica com Deus é apenas uma prova de que não O conhecemos:

A criação não é uma barreira no caminho que leva a Deus, ela é este próprio caminho. Somos criados um-com-o-outro e tendo em vista uma existência em comum. As criaturas são colocadas no meu caminho para que eu, criatura como elas, encontre Deus através delas e com elas. Um Deus que fosse alcançável pela exclusão das criaturas não seria um Deus de todos os seres, em que todos os seres se realizam. (BUBER, 2007, 93).

No confronto com o pensamento de Kierkegaard, Buber aposta numa autêntica relação com o mundo e com o outro, ao passo que também valoriza a relação essencial com o que denomina de Tu-Eterno (Deus). Dessa forma, ele acredita que Eu realizo-me “[...] só quando eu chego a ter uma relação essencial com o outro, de forma que ele não é mais um fenômeno do meu Eu, mas o meu Tu, só quando eu experiencio a realidade do falar-com-alguém – na inviolável autenticidade da reciprocidade.” (BUBER, 2007, p.92). Neste aspecto ele diverge da concepção kierkegaardiana de sujeito, pois a realização do sujeito em Kierkegaard não se encontra na esfera da alteridade, mas parte daquilo que poderíamos denominar de uma relação particular com a divindade, sendo, pois, uma relação acósmica com Deus. Sobre esta maneira de se relacionar do Indivíduo kierkegaardiano:

O ‘tornar-se Indivíduo’ de Kierkegaard [...] tem por finalidade não a vida ‘verdadeira’, mas o penetrar em uma relação [...] significa estar preparado para uma única relação, que só pode ser penetrada pelo Indivíduo, o Um, relação em função da qual o homem existe. Esta relação é exclusiva. É a relação exclusiva, e isto significa, de acordo com Kierkegaard, que é a relação excludente, que exclui todas as outras relações ou, mais exatamente: que, graças à sua essencialidade

única, bane todas as outras relações para o meio da inessencialidade. (grifo do autor). (BUBER, 2007, p.91).

Ao abordar a questão da relação exclusiva e essencial do Indivíduo com Deus, Kierkegaard aponta para outro tema de suma importância em sua filosofia: *a multidão*⁹. Ele ataca duramente o conceito de “multidão”, considera-a como a “não-verdade.” Entende também a multidão como o lugar da perda da autonomia e da identidade próprias do Indivíduo. Na multidão seria impossível o Indivíduo encontrar a verdade. Kierkegaard, por sua vez, defende a ideia da verdade subjetiva:

Kierkegaard insiste na necessidade da apropriação subjetiva da verdade, pois se trata de fundamentar o desenrolar do pensar em algo que seja ligado à raiz mais profunda da existência, que é o Indivíduo [...] A própria verdade, em vez de representar uma simples equação entre ser e pensar, torna-se sinônimo de subjetividade, o que quer dizer que a verdade deve significar um compromisso pessoal do Indivíduo, já que esta tem raízes na existência concreta e integrada de cada Indivíduo particular. (GILES, 1989, p. 6-7).

A visão puramente negativista que Kierkegaard tem a respeito do homem na multidão, leva Buber a fazer um esclarecimento: a multidão é vista como “a ausência da verdade”, ou “a não-liberdade.”¹⁰ Não existe nesse momento, por parte de Buber, uma oposição radical ao pensamento kierkegaardiano, mas, ele tenta mostrar que mesmo em meio à multidão o ser humano carrega a possibilidade do encontro autêntico com outro, na reciprocidade, com a capacidade de realizar-se enquanto sujeito. Para isso, ele propõe que o sujeito possua uma *vinculação* ou *ligação* com os outros seres, ou seja, mantenha sempre uma relação essencial, pois, o problema da multidão em Kierkegaard deve-se a falta de uma relação essencial com o outro e com o mundo. O homem que vive essa *vinculação* estará disposto a superar todas as dificuldades que se lhes apresentam para impedi-lo de realizar-se enquanto sujeito.

⁹Multidão: o conceito de multidão em Kierkegaard não está simplesmente ligado a um aglomerado de pessoas, mas, vai muito além, num sentido de crítica à filosofia objetiva de Hegel. Isso podemos perceber, quando Kierkegaard afirma: “Todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual, essa é a nossa estrutura [...]. Certo pensador [Hegel] eleva uma construção imensa, um sistema universal que abraça toda a existência e história do mundo – mas, se alguém atentar na sua vida privada, descobre com pasmo este enorme ridículo: que ele próprio não habita esse vasto palácio de elevadas abóbadas, mas um barracão lateral, uma pocilga, na melhor das hipóteses o cacifo do porteiro! E zanga-se se alguém ousa uma palavra para lhe fazer notar essa contradição. Pois que lhe importa viver no erro, logo que construa o seu sistema...com a ajuda desse erro.”(KIERKEGAARD, 1974, p. 359).

¹⁰ “Não-liberdade”: esse conceito que Buber nos apresenta, quer significar uma perda parcial de realização do sujeito enquanto sujeito, ou seja, do sujeito em relação ao outro e em relação ao mundo. Podemos ainda dizer que se trata de uma coerção de uma necessidade ou de uma coerção humana.

Ele se sabe colocado ao serviço da decisão. Se é a multidão, a multidão alheia à decisão, a multidão contrária à decisão, que o cerca fervilhante, não o aceita: em qualquer lugar que esteja, elevado ou insignificante, com as forças que possui, poder condensado ou palavra que se perde, ele faz o que pode para que a multidão deixe de ser multidão. A alteridade envolve-o, a alteridade com a qual está comprometido; mas ele a acolhe em sua vida somente na forma do outro, cada vez do outro, do outro que o encontra, do procurado, do outro tomado à multidão, do ‘companheiro’. (grifo do autor). (BUBER, 2007, p. 108).

A vinculação, da qual nos fala Buber, está diretamente ligada à responsabilidade. É a responsabilidade que assegurará ao ser humano à capacidade de distinguir a essencialidade ou inessencialidade das relações, apontando, assim, a maneira de viver autenticamente do sujeito. No pensamento kierkegaardiano, essa distinção será feita através dos Estádios da Existência,¹¹ que são a base para explicar a conquista do Indivíduo, rumo à relação essencial com Deus. Em Kierkegaard, encontraremos o abandono do conceito de responsabilidade para com outro e com o mundo. Buber, ao apresentar sua proposta de uma filosofia dialógica, não poderia manter-se inerte diante da postura kierkegaardiana do abandono da responsabilidade:

A categoria do Indivíduo transformou-se. Não é possível que a relação da pessoa humana com Deus seja estabelecida pela omissão do mundo; o Indivíduo deve, portanto, levar o seu mundo, o que do mundo de vital lhe é oferecido e confiado, sem redução, para a devoção de sua vida e deixar este mundo participar integralmente da essencialidade desta sua devoção. Não é possível que o Indivíduo encontre as mãos de Deus quando estende suas mãos para ele por cima e para além da criação. (BUBER, 2007, p.111).

Assim, evidencia-nos que não é possível concordar com o pensamento kierkegaardiano, pois, a responsabilidade com Deus, reflete-se na responsabilidade com o outro e com o mundo. Desta forma, acontecem as verdadeiras relações, e não apenas num fechamento exclusivo com a divindade, como queria Kierkegaard.

¹¹ Estádios da Existência: o Indivíduo de Kierkegaard deve fazer uma opção decisiva, aderindo a uma forma de existência, passando por três estádios, níveis ou concepções de existência, são eles: estádio estético, estádio ético e estádio religioso. No primeiro, o Indivíduo, encontra sua existência centrada no mundo dos prazeres, permanecendo sob o domínio dos sentidos; no estádio ético, a consciência do indivíduo se encontra entre o real e o universal, fundamenta-se em consequências sociais e históricas, ou seja, vive segundo as leis da razão, controlando os instintos, de maneira responsável; e por fim, no estádio religioso, que é o mais importante, encontra-se Deus como “regra do Indivíduo”, ou seja, o “Outro absoluto”. A existência autêntica, segundo Kierkegaard, se realiza no estádio religioso. (GILES, 1989, p. 9-10).

A partir de uma análise buberiana, procuramos compreender e esclarecer o pensamento kierkegaardiano, enfocando de maneira sucinta os temas de grande relevância à compreensão da concepção de sujeito. Estamos convictos de que ainda não cumprimos totalmente aquele desejo kierkegaardiano de que *um dia, não só os meus escritos, mas a minha própria vida serão atentamente estudados*, descrito em certa página de seu *Diário*. No entanto, abrimos a questão com o esclarecimento de sua concepção de sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho de pesquisa objetivou analisar o pensamento filosófico de Martin Buber acerca da *natureza das relações intersubjetivas (concepção de sujeito)*. Levamos em consideração, nesse sentido, fatores históricos da vida de Buber, como por exemplo, sua formação educativa de base judaica e a questão das guerras; para nós, esses fatores determinaram profundamente a formação e o desenvolvimento de seu pensamento filosófico.

Percebemos nas obras buberianas investigadas (*Eu e Tu e Do diálogo e do dialógico*), uma constante preocupação por parte do autor, em mostrar um sujeito que está em relação com o mundo e com os outros seres humanos. Essa relação não seria um simples contato, mas, um verdadeiro relacionamento, o que Buber denomina de acontecimento do encontro, e que se pauta na presença, na imediatez, na responsabilidade e na reciprocidade. Desta forma, o filósofo apresenta os fundamentos para uma ética da alteridade, na qual o outro se configura como fundamental para minha realização. Buber entende que o Eu sozinho é incapaz de se realizar; ele só se realiza na relação com o outro (EU-TU).

No desenvolvimento de nossa pesquisa constatamos que, Buber rejeita totalmente o *egoísmo individual* de Stirner, uma vez que, o pensamento filosófico stirneriano não admite possibilidades de relações autênticas com o mundo e com os outros seres humanos. Ao contrário, Stirner coloca o “Único” como sendo o eixo movedor do mundo. Percebemos também que, Buber critica a visão kierkegaardiana de sujeito, uma vez que aquele mostra-se defensor de uma relação exclusiva com Deus, desprezando o mundo e a humanidade. Buber não acredita que seja necessário renunciar a toda temporalidade para se ganhar a eternidade. Devemos, ao contrário, viver autenticamente a temporalidade, numa abertura e conversação com o próximo. Para

Buber, a criação é esse próprio caminho que leva a Deus. Observamos, da mesma forma, que a crítica buberiana às concepções de sujeito em Stirner e Kierkegaard, no que diz respeito às respectivas categorias-limite: o *Único*, e, o *Indivíduo* tem uma forte ligação com a esfera da relação EU-ISSO, pois, nesses casos, mesmo que aconteçam relações, elas se dão no mundo da inessencialidade.

Com as discussões de alguns elementos da filosofia buberiana presentes neste trabalho, podemos evidenciar aspectos da realidade existencial humana no palco do mundo. Entendemos, pois, que é preciso “parar para pensar” sobre o nosso próprio comportamento em relação às outras pessoas, assim como também com a natureza. Concordamos com o posicionamento buberiano, enfatizando o caráter de *respeito* que deve existir nos relacionamentos intersubjetivos. Observa-se no mundo contemporâneo uma enorme desvalorização das relações interpessoais, assim como também com a própria natureza. Nosso trabalho se configura como uma pequena contribuição para aqueles que “desejam despertar” sua consciência acerca de sua condição relacional. Isso seria fundamental na construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa!

ABSTRACT

The Buberian philosophy proposes the dialogue as a way to overcome the selfish condition that highlights Western thinking and ethics. Our research will contemplate, therefore, its subject conception directly associated to the notions of presence, dialogue, responsibility and reciprocity. Thus, his thought develops a reflection in which the subject is conceived within the scope of human intersubjective relations, since it will be the foundation of the ethics of otherness. It will also address a Buberian reading of subject conceptions in Max Stirner and Soeren Kierkegaard in the book *Do diálogo e do dialógico*. Therefore, the article will contemplate a comparison of the conceptions of subject of Max Stirner and Soeren Kierkegaard, but analyzed by the filter of the dialogical categories of the Buberian thought, resulting in a critique of what our author calls monological-solipsist thinking.

KEYWORDS: Egocentrism. Dialogue. Responsibility

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de: Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUBER, M. **Eu e TU**. Tradução de: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de: Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária, 1989.

JAPIASSÚ, H e MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

KIERKEGAARD, S. **Temor e Tremor**. São Paulo: Abril/Cultural, 1974.

NOGARE, P. D. **Humanismos e Anti-Humanismos**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Tradução de: João Barrento. São Paulo: Martins Fontes, 2009.